CHEGA DE ESCRAVIDÃO

Jornal do Sindicato Geral Autônomo do Rio de Janeiro | Filiado à FOB | Edição 09 / Abril 2022

TODO DIA É DIA DAS MULHERES TRABALHADORAS!

Todo dia é dia de lutar pela emancipação das mulheres

A impressão que nós temos é que as mulheres trabalhadoras são lembradas somente uma vez ao ano, em função do 8 de Março, no Dia Internacional das Mulheres Trabalhadoras, mas nós sabemos que a realidade é bem diferente, que nós trabalhadoras somos fundamentais para a sociedade, mas infelizmente sofremos com a exploração e a violência.

É importante lembrar que o Dia Internacional das Mulheres Trabalhadoras é uma referência as lutas históricas das nossas companheiras operárias do final do século XIX e início do século XX, em especial do papel central das operárias da cidade de Petrogrado (hoje São Petersburgo) durante a Revolução Russa de 1917, quando operárias das fábricas de tecido e mulheres familiares de soldados que lutavam na I Guerra Mundial ocuparam as ruas para exigir "Pão e Paz". A greve das operárias foi fundamental para a Revolução Social que derrubou a ditadura czarista e iniciou um novo tempo de esperanças, igualdade e liberdade.

Nós, as mulheres brasileiras, também temos um longo histórico de lutas e resistências, desde Dandara de Palmares, símbolo da luta das mulheres negras contra a escravidão e contra o racismo. A pesar da história em geral não fazer referência às nossas lutas, nós sempre tivemos presença ativa nas lutas e nas greves operárias do Brasil após a abolição da escravatura.

1. Nossa realidade é de exploração e opressão

Vivemos em nosso país uma situação de grande desemprego, por um lado, e de intensas jornadas de trabalho com baixos salários, por outro. Segundo o IBGE, nós estamos sofrendo mais com o desemprego, pois no 1º trimestre de 2021 nossa taxa de desemprego atingiu a marca recorde de 17,9%. Entre os homens a taxa foi de 12,2%. Engravidar ou ter filhos pequenos ainda são obstáculos para conseguir emprego. Da mesma forma, a questão do racismo ainda é enorme, pois entre as trabalhadoras negras o desemprego é ainda maior.

Nossos salários são mais baixos do que os dos homens, enquanto no primeiro trimestre recebíamos em média 1.995,00 reais, os homens recebiam 2.574,00 reais. Quanto maior o desemprego, menores tendem a ser os salários, pois os patrões se aproveitam do desespero e necessidade do povo para oferecer salários mais baixos. Assédio moral e sexual também fazem parte do nosso cotidiano de trabalho, sofremos com pressões psicológicas e humilhações.

Mas a exploração econômica e opressão sobre as mulheres trabalhadoras não acaba aí. No Brasil, o tempo que nós mulheres dedicamos às tarefas domésticas é superior ao dos homens. Em 2019, de acordo com o IBGE, nós dedicávamos 21,4 horas semanais em média aos cuidados de pessoas e afazeres domésticos contra 11 horas dos homens. Essas tarefas, de cuidados com a casa (alimentação, limpeza, organização etc.) e com os filhos, é fundamental para a reprodução da vida humana de toda a sociedade. Porém, ela é vista como se fosse obrigação natural das mulheres – e muitas vezes como tarefa exclusiva.

2. O quê fazer? Pelo que lutar?

A mudança dessa situação exposta só acontecerá com nossa organização e luta pelos direitos iguais e contra a exploração capitalista e machista. Para isso, temos que organizar comitês de autodefesa e de lutas pelos direitos das mulheres nos nossos locais de trabalho, estudo e moradia.

Uma vez organizadas, lutaremos por:

- Salários iguais entre homens e mulheres;
- Licença parental remunerada por tempo igualitário de seis meses para homens e mulheres;
- Expansão da rede pública de creches com funcionamento em horário integral, incluindo o noturno para atender quem estuda ou trabalha de noite, com trabalhadores concursados, infraestrutura adequada e projeto pedagógico baseado nos princípios "educar, cuidar e brincar";
- Criação de fundo público para remuneração salarial de trabalho doméstico de mulheres da classe trabalhadora;
- Fim dos assédios morais e sexuais nos locais de trabalho e estudo;
- Legalização do aborto e acesso gratuito pelo SUS em todas as unidades hospitalares capacitados;
- Fim da violência obstetrícia;
- Fim de todas as violências físicas e psicológicas.

Pela Vida das Mulheres!

arte: Paulica Santos

RACISMO ESTRUTURAL:

violência e genocídio

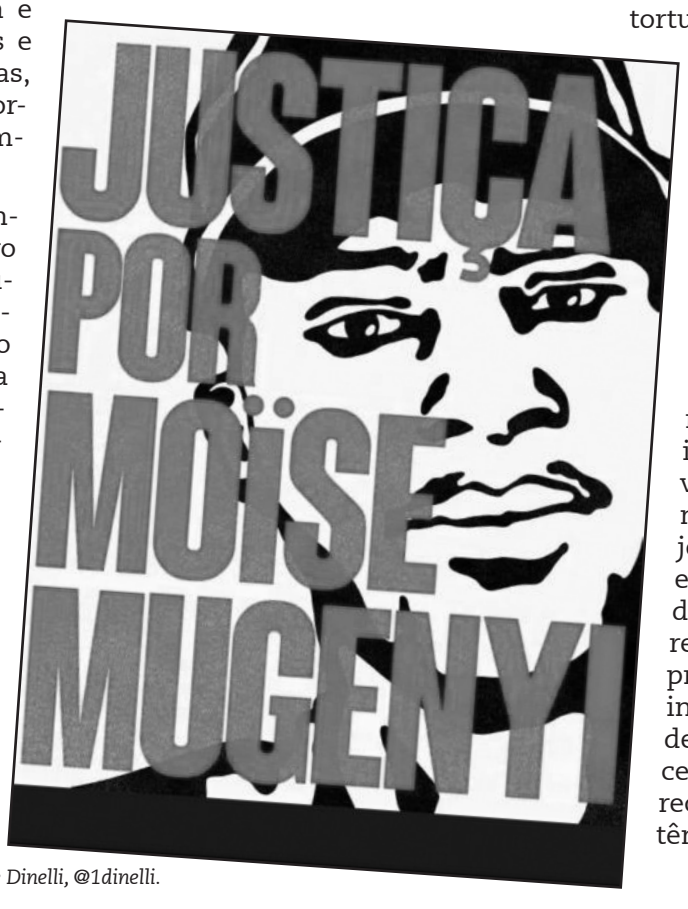
Em menos de 30 dias, o povo do Rio de Janeiro vivenciou uma onda de terror racista vitimou três vidas pretas, o congolês Moïse, o comerciário Durval e o vendedor de balas Hyago.

Moïse foi até o quiosque, no bairro da Barra da Tijuca, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, onde ele trabalhava para cobrar dois dias de salários não pagos, por esse motivo, foi espancado, amarrado e torturado até a morte. Durval estava parado na frente do condomínio onde morava, na cidade de São Gonçalo, quando foi alvejado com três tiros. O assassino alegou que confundiu Durval com um ladrão. Hyago estava vendendo suas balas na frente da Estação das Barcas na cidade de Niterói, quando foi executado por um policial.

Esses assassinatos brutais ocorreram no mesmo período em que o governador Cláudio Castro/PL lançou seu projeto "Cidade Integrada", em vigor desde o dia 19 de janeiro. Trata-se da ocupação de comunidades pelas forças policiais sob a bandeira da "guerra às drogas". Entretanto, desde os primeiros dias, os moradores denunciam a violência dos policiais, que arrombam as casas, roubam objetos de valor, agridem e torturam os moradores e fazem prisões arbitrárias, como do jovem Yago Correia, preso quando comprava pão.

As causas dessa violência contra o povo negro estão no racismo estrutural da nossa sociedade, isto é, o processo histórico que determina as relações sociais, políticas e econômicas, responsáveis pela imposição de condições de inferioridade da população negra, e também indígena, e pelas garantias dos privilégios à eleite branca.

Como disse o líder negro Malcon X: "Não existe capitalismo sem racismo".



Justiça para Moïse, arte de Dinelli, @1dinelli.

PROJETO "CIDADE INTEGRADA"

Operação militar no Jacaré como campanha eleitoral

Enquanto a crise econômica faz novos desempregados na cidade do Rio de Janeiro, o braço armado do Estado faz operações nas regiões da comunidade do Jacarezinho (Zona Norte) e da Muzema (Zona Oeste). Trata-se de mais uma jogada do governador Cláudio Castro/PL visando sua reeleição: Projeto Cidade Integrada.

Ato no Palácio Guanabara contra a violência nas comunidades, 16/02/22. Foto Siqueira, @condenados.da.terra

As forças policiais ocuparam o Jacarezinho no dia 19 de janeiro, repetindo a entrada em maio de 2021, quando 28 moradores foram assassinados. Sob justificativa de "Guerra às Drogas", ação da policial deixa um rastro de terror e morte. Relatos dos moradores denunciam violência, tortura, ameaças, roubos, desrespeito aos direitos individuais e coletivos do povo trabalhador.

Enquanto a grande mídia ajuda a divulgar as mentiras do governador por acidente Cláudio Castro, relatos na mídia independente revelam os efeitos na prática de projetos como as UPPs e a Cidade Integrada. Os primeiros recursos são sempre usados para a invasão policial. E depois, desaparecem os supostos recursos para assistência social.

O tratamento desigual dado a população no Jacarezinho se reflete também nas revistas dos passageiros da linha 472, sentido Jacaré-Copacabana em fins de semana de praia. O tratamento racista e de preconceito social, contra o Jacarezinho e sua comunidade, precisa acabar.

Se o governador do Estado quer acabar com a miséria social, que atualize o salário-mínimo estadual, no lugar de colocar fuzil na cara do morador e roubar quilo de carne de dentro da geladeira. Segundo o Dieese, Instituto de Ciências do Trabalho, o salário básico individual deveria ser de R$5.997,14 para o mês de janeiro de 2022.

A verdeira "cidade integrada" seria com investimentos na geração de empregos, recursos para a assistência social, mais escolas, creches, clínicas da família e hospitais. Investimentos em cultura e esportes, principalmente para nossas crianças e jovens.

Fim das UPPs! Fim do Projeto Cidade Integrada!

Invertimentos em emprego, saúde e educação!

EMPOBRECIMENTO DO POVO E AUMENTO DO CUSTO DE VIDA

O povo brasileiro sofre com a carestia de vida, com o aumento dos preços de alimentos e bebidas que acumulam uma alta maior do que a média da inflação aferida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em nove setores da economia. Nos últimos 12 meses, comer no Brasil ficou 11,71% mais caro, enquanto o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo ficou em 10,67%, segundo dados de outubro de 2021, os mais recentes. Isso foi o dobro do teto da meta de inflação fixada pelo Banco Central para 2021, de 5,25%.

A inflação tem o efeito de reduzir o poder de compra das famílias, e o encarecimento dos preços de alimentos afeta de forma ainda mais drástica os mais pobres, que comprometem a maior parte da renda para a garantia de itens básicos. Cerca de 28 milhões de pessoas vivem abaixo da linha de pobreza no país, 12 milhões estão sem emprego e 40% daqueles que trabalham estão na informalidade.

Há uma tendência em todo o mundo de alta nos preços da comida, muito em função de problemas nas cadeias globais de oferta causados pela pandemia da Covid-19. De acordo com a Organização de Alimentos e Agricultura das Nações Unidas, houve uma alta de 33% no custo global de alimentos entre setembro de 2020 e o mesmo mês de 2021. Além da pandemia, problemas internos, como a insegurança econômica e política, a consequente desvalorização cambial e o desmatamento das florestas, agravam a carestia de vida.

Os aumentos constantes no preço dos combustíveis agravam a situação. No dia 11 de março o preço médio da gasolina passou de R$ 3,25 para R$ 3,86 o litro, um aumento de 18,77%. O diesel aumentou de R$ 3,61 a R$ 4,51, alta de 24,9%. O gás de cozinha passou de R$ 3,86 para R$ 4,48 por quilo, um reajuste de 16%.

O chamado preço de paridade de importação (PPI) é o custo do produto importado trazido ao país. A atual política de preços da Petrobras busca seguir o PPI, para evitar prejuízos, considerando indicadores como o valor do barril do petróleo e o dólar. Ou seja, garante os lucros dos acionistas e aumentos para o povo.

Precisamos organizar por todo o país comitês contra a carestia de vida, recuperando essa antiga tradição de luta da classe trabalhadora.

Arte: Nando Motta - @desenhosdonando

MOVIMENTO NACIONAL DE ENTREGADORES DE APLICATIVOS

Entre 13 e 15 de dezembro, a empresa de delivery iFood chamou um Fórum nacional com entregadores para debater demandas da categoria. Com representantes entregadores eleitos pelo patrão, a pauta central de todas as paralisações até agora não foi discutida. Porque a iFood faz de tudo para manter o preço miserável de suas entregas?

Segundo C., entregador ciclista no Rio de Janeiro de 31 anos de idade, o valor mínimo da corrida caiu de preço na virada do ano. "Em 2021, a taxa média paga por entrega era de R$5,65 no APP vermelho. Com a virada do ano, hoje a taxa é de R$5,31. A gente que trabalha pedalando precisa ganhar o mínimo para se alimentar durante o dia de trabalho. Nossa jornada é de maratonista, ultrapassando 80km/dia."

As reivindicações da categoria incluem:

- Taxa mínima de entrega R$10,00, com correção anual de inflação;

- Fim das rotas duplas;

- Fim dos bloqueios indevidos e dos cancelamentos arbitrários de contas;

- Código de confirmação do cliente em todas as entregas, para evitar calotes e punições indevidas para entregadores;

- Fim das subpraças de OL;

- Seguro de vida para todos os entregadores, independentemente de estarem com mercadoria dentro da Bag ou não;

- Equipamentos de Proteção Individual garantidos pelas empresas para cada um dos entregadores;

- Fim da violência policial contra entregadores e das blitz motivadas por preconceito social e racial. Somos trabalhadores de várias cores e regiões geográficas. Merecemos respeito de toda a sociedade.

Ainda que cada região tenha demandas locais, o movimento nacional pede unidade de toda a categoria rumo a greve geral. As paralisações organizadas pelos próprios entregadores são a grande arma do diálogo, já que a categoria tem sido abandonada por governos e empresas de aplicativo. Somos e seremos sempre nós por nós.

O aumento das paralisações dos entregadores, bicicleta e moto, é constante desde 2020, quando a pandemia de Covid-19 e a quarentena fizeram a categoria crescer e massificar. 2021 foi ano dos Breques de 7 dias, como em São José dos Campos, Rio de Janeiro e Atibaia. A recente paralisação em Goiânia, com mais de 300 entregadores, reacendeu a vontade de luta dos entregadores. Movimentos seguem afirmando "Sem breque, não há vitória para a categoria." Nos dias 29 de março e 01 de abril entregadores de 20 cidades, entre elas o Rio de Janeiro, paralisaram suas atividades. Como fruto da greve dos entregadores o Ifood aumentou para R$6 a taxa mínima a cada 1,5 km.

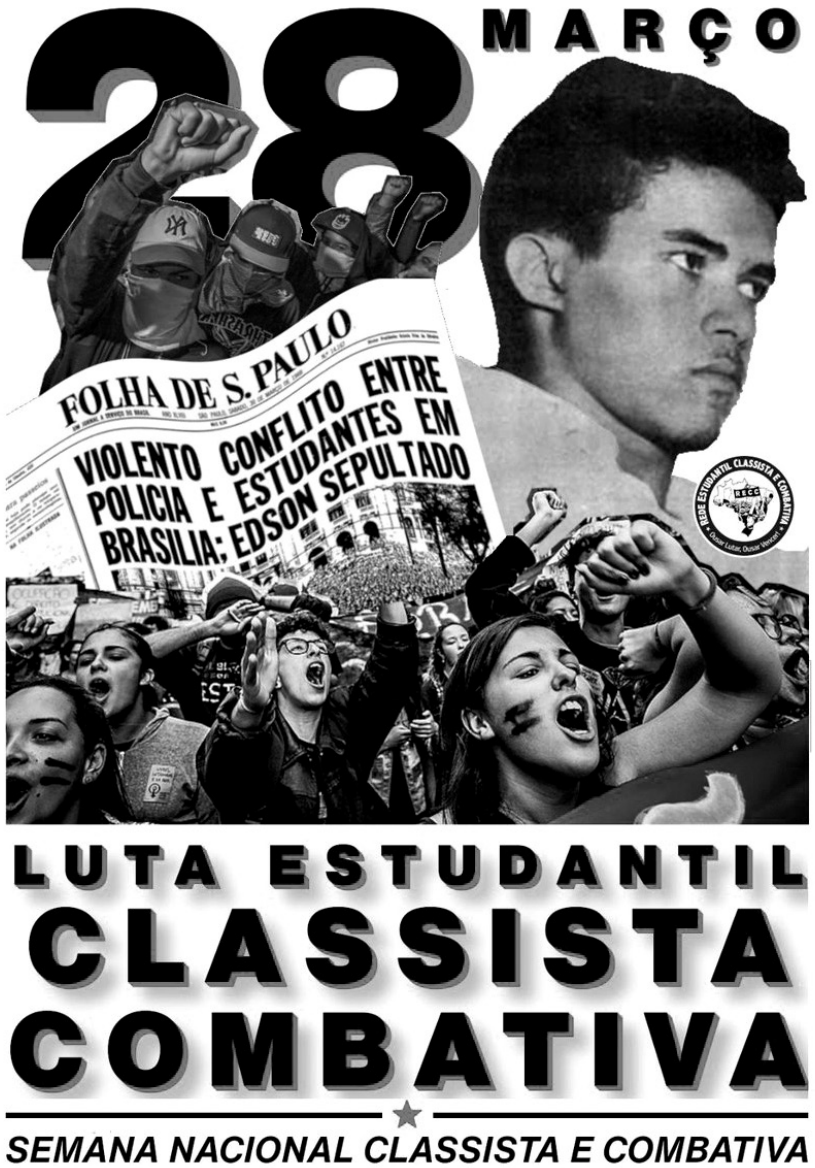
#BrequedosAPPs

Breque Internacional de Entregadores, outubro de 2021. Foto: João Carlos Gomes/ Myphoto Press.

VIVA A REDE ESTUDANTIL CLASSISTA E COMBATIVA!

Em 28 de março, a Rede Estudantil Classista e Combativa (RECC) reivindica o Dia do Estudante Combativo. No mesmo dia, em 1968, o estudante secundarista de 18 anos, Edson Luís, foi assassinado pelas forças do regime militar no Rio de Janeiro. Edson participava de um protesto estudantil no restaurante Calabouço, reivindicando melhorias e a diminuição no preço da alimentação. A Polícia Militar entrou no restaurante metralhando todos, deixando vários feridos e outros mortos. Edson Luís teve seu corpo levado pelos próprios companheiros para ser velado na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, e depois por 50 mil pessoas para ser sepultado. Nessa data, relembramos e celebramos a brava e corajosa luta do movimento estudantil durante a ditadura militar e a necessidade de sempre reviver seu espírito combativo em cada escola e universidade, e para além delas.

Cinquenta e quatro anos depois da morte de Edson Luís, os estudantes brasileiros continuam sua luta por um ensino público de qualidade. Durante a pandemia, governos, secretarias e ministérios se aproveitaram do momento para sucatear ainda mais a educação do país, lesando a população pobre e aumentando ainda mais o abismo que caracteriza o sistema de ensino no modelo capitalista e neoliberal: a desigualdade.



Nas escolas e universidades, assistimos ao aumento dos ataques à educação. A militarização só aumentam, com a presença direta ou indireta das forças de repressão. O Ensino à Distância piorou a qualidade do ensino e sobrecarregou os trabalhadores da educação, cada vez em menor número e menos remunerados. As bolsas de pesquisa e auxílios de estudo continuam a ser mal pagas ou cortadas. A infraestrutura dos edifícios e salas de aula é péssima. O cenário é horrível e quem sai perdendo, mais uma vez, é o estudante pobre, impossibilitado de estudar e, portanto, fadado aos piores empregos.

Neste ano, os e as estudantes devem se unir em luta, reerguendo a força de mobilização estudantil e fazendo as reivindicações serem atendidas. Sem conchavo nem oportunismo, a única saída é a luta organizada e combativa!

– Pela Volta Das Aulas Presenciais, Com Segurança E Qualidade!

– Fora Pm Das Nossas Escolas E Universidades!

– Pela Valorização Das Bolsas E Auxílios!

Viva Edson Luís! Viva A Rede Estudantil Classista E Combativa! Viva O Dia 28 De Março, Dia Do Estudante Combativo!

ACOMPANHE NOSSAS REDES:

www.lutafob.org

twitter.com/lutafob
email: sigarjfob@protonmail.com

instagram.com/chega_de_escravidao
instagram.com/lutafob
instagram.com/siga.fob.rj